

# Desenvolvimento Econômico e Café

THEOPHILO DE ANDRADE

O Senhor Costa Lima, merecidamente elevado faz pouco, à Presidência da Sociedade Rural Brasileira, honrou-me com um telegrama, transmitindo de suas congratulações daquela prestigiosa associação votadas por generosa iniciativa do senhor Alberto Whately, em virtude do artigo em que comentei a quase ausência do café na Mensagem Presidencial, enviada recentemente ao Congresso.

Evidentemente não se compreende que um produto de tamanha importância na economia interna e de exportação do nosso país, tenha a bem dizer ficado de lado, naquele documento, quando dele é que provêm os recursos com que alimentamos os nossos serviços externos, inclusive os diplomáticos e a importação.

Aquêle descuido vai por conta da nossa tendência a generalizar e a de nos deixarmos dominar, facilmente, por uma idéia, quando ela oferece sedução, aparenta uma realidade ou, simplesmente, está na moda.

Veja-se, por exemplo, a questão de saúde, essencial em um país como o nosso, que se distende em zonas tropicais e subtropicais, sujeitas, por isso mesmo, a todas as endemias. Houve um médico que ficou célebre em nossa terra, devido a uma frase generalizadora: "O Brasil é um vasto hospital". Aquêle homem era um grande médico e um grande higienista. Prestou muitos serviços e fez muito bem ao povo brasileiro. Mas quando dele falamos, somente nos recordamos da sua frase acusadora e candente, que se foi um brado de alarme, não representa uma realidade.

Outro médico, também famoso, é ainda hoje recordado porque disse um dia que todo clínico brasileiro tem de pensar, "a priori", quando vá examinar qualquer enfermo, "sililicamente". E aquilo fez com que a sililis, que em outros países é tabu, e moléstia que não se pode sequer citar, fôsse, no Brasil, objeto de palestra nos salões mais austeros.

No terreno econômico é a mesmíssima coisa. No tempo em que o café esteve no auge, não se pensava em outra coisa a não ser no café. Daí, os males da monocultura, que éle nos apresenta, como o reverso da medalha. E tanto tratamos do café, tanto os governos "protegeram" o café, que éle mergulhou em uma crise de superprodução, que durou dez anos, e quase nos arruinou.

Época houve em que a moda era a laranja Nova Iguaçu, aqui nas barbas do Rio de Janeiro, cresceu como cogumelo depois da chuva. Limeira, em São Paulo, parecia uma Nova Canaan. Recordo-me de que, quando voltei da Europa, definitivamente, para o Brasil, há um quarto de século, e ensaiava as minhas primeiras crônicas sobre o café, amigos tentaram levar-me a comprar

terrenos em Nova Iguaçu, que eram pagos a prestação, pois o plantio do citro se fazia em condições extremamente favoráveis, e pagava tudo, depois de duas ou três safras.

Não acreditei em um negócio que tinha um único freguês, que, naquela época, era o mercado de Londres. Elivetivamente, quando veio a guerra, foi a debacle. A moda passou, as "packinghouses" apodreceram, e as laranjas, comidas pelas pragas, desapareceram, pelo menos em Nova Iguaçu, recortados pelos loteamentos do "boom" da propriedade real, provocado pela inflação.

Durante a guerra, veio o "boom" dos minérios raros e do cristal de rocha, que deram fortunas, eram cobijados pelos exportadores e enviados para as fábricas de armamentos dos Estados Unidos, até de avião. Mas, terminado o conflito, passaram, como passam todas as modas.

E o café restituiu a tudo isso e continua porque não é uma moda, mas a base física da economia de exportação deste vasto país.

Agora, a moda é o desenvolvimento econômico. Que é desenvolvimento econômico? Os não-iniciados dirão, naturalmente, que o desenvolvimento econômico é o progresso. E, de fato, as palavras tomadas ao pé da letra poderão levar a essa conclusão. Mas desenvolvimento econômico, hoje em dia, tem um significado diferente. Não é o progresso, no sentido vegetativo de outora, quando as forças do mercado agiam cegamente, mas o desenvolvimento planejado, à egide do Estado, com o qual se poderão evitar os desperdícios e aplicar os investimentos em empreendimentos básicos nos quais o capital se poderá multiplicar com grande velocidade. O Estado não intervem diretamente, pois o desenvolvimento econômico é compatível e deve

ser compatível com a empresa privada. A intervenção do poder público se opera através da distribuição do crédito e das facilidades fiscais. Só com um plano dessa ordem, será possível andar "cinquenta anos em cinco", o que não é uma simples expressão superlativa.

Contudo, para realizar os planos traçados, para atingir as metas propostas, é mister que haja recursos, pois os tirados da inflação monetária não permitirão atingir o ritmo de desenvolvimento desejado. E fora dos recursos inflacionários, só os proporcionados pela própria produção ou as provenientes de empréstimos.

Nos planos de desenvolvimento econômico que estamos ainda a traçar, temos posto em equação os recursos inflacionários e os provenientes dos empréstimos, sobretudo empréstimos externos, em todas as formas de investimento. Mas estamos a descurar a fonte melhor e mais segura que é a própria produção. E no que se refere a recursos em moeda estrangeira, indispensáveis para a aquisição de equipamentos que não são fabricados no país, a fonte clássica, a fonte maior, e a fonte tradicional é a exportação do café.

Este o motivo por que estranhei que uma Mensagem Presidencial que tem o desenvolvimento econômico como "leitmotiv", lija descurado, esquecido e praticamente ignorado o café. O desenvolvimento econômico é a moda e muita boa moda, pois, através dele, poderemos e deveremos acelerar o ritmo de crescimento da economia brasileira. Se porém, no mobilizar os recursos para o desenvolvimento econômico não demos ao café a importância que as cifras do valor da nossa exportação lhe conferem, então aquele desenvolvimento ficará coxo e perderá a sua capacidade de marcha.

E isto, aliás, sentido pelos economistas, pelo comércio e pela lavoura de café do país, como se depende do generoso telegrama que me enviou o presidente da Sociedade Rural Brasileira.

"O JORNAL"

## Roteiro de Política Cafeeira

A palestra proferida na S.R.B. pelo sr. Carlos Whately vale como um roteiro de sabida política cafeeira, quer no que se refere à produção, quanto ao câmbio e ao sistema de vendas da rubiaca.

Com grande oportunidade, aquele cafeicultor, que sem lavor nenhum se inclui entre os mais adiantados de nosso Estado, condenou o processo de produção puramente "extrativo" que ainda predomina entre nós, de acordo com o qual o lavrador de café se limita a explorar ao máximo a riqueza natural do solo, sem grandes preocupações pela reposição do que da terra é retirado pelas plantas. Como conseqüências desse método de cultivo, lentamente as lavouras vão apresentando menor rendimento até tornar-se francamente antieconômicas.

Constitui, por isso, imperativo a que não se devam furtar nossas autoridades o esclarecimento de nossos agricultores acerca da importância da adubação, como fator de aumento das próprias rendas do produtor, mercê de colheitas mais abundantes e estáveis. Mas não surtirão efeitos apreciáveis uma simples campanha de esclarecimento, se não se dispensarem estímulos mais concretos aos plantadores para a adoção de práticas racionais de adubação. E esses incentivos necessariamente terão de ser de ordem financeira, através de financiamento adequado, que desperte a atenção e o interesse do cafeicultor para o problema e ao mesmo tempo lhe torne possível a compra dos fertilizantes necessários.